

Interpretando Néelson Rodrigues

Uma introdução à representação do desagradável

Marcelo Bolshaw Gomes*

Resumo: Apresenta aqui uma visão panorâmica sobre a obra do escritor brasileiro Néelson Rodrigues, discutindo todas as adaptações de suas peças teatrais e romances para o cinema.

Sempre me considerei uma pessoa progressista. E sempre considerei embaraçosa minha paixão intelectual por três jornalistas nordestinos reacionários: Câmara Cascudo, Gilberto Freire e Néelson Rodrigues.

Debati-me bastante contra Cascudo, até aceitá-lo e reconhecer nele o contador de histórias como uma dimensão que engloba a antropologia e o jornalismo. Ele não é um folclorista! Tecnicamente, um etnógrafo diversificado (alimentação, gestos, costumes); mas sobretudo um pensador com consciência narrativa, isto é, sabe que é um contador de histórias e essa simplicidade é que o faz grande e realmente relevante como pensador pois faz uma leitura do erudito a partir do popular.

Com Gilberto Freire, que só conheci bem tarde devido ao preconceito, descobri a crítica sociológica de costumes em uma metodologia genealógica que em nada deixar

*Jornalista, professor de Comunicação da UFRN e doutor em Ciências Sociais.

a dever a Michel Foucault e aos historiadores atuais. Freire é fascinante, sobretudo, porque constrói uma perspectiva de crítica social diferente da ótica marxista e de quase todo pensamento social de sua época.

Tanto Cascudo como Freire são exemplos de jornalistas que edificaram as ciências sociais no Brasil antes do advento da comunicação social. E que, pelo fato de serem nordestinos (que nunca se distanciaram de seus locais de origem) e defenderem posições de direita no cenário político nacional, sempre foram desprezados e escondidos pela academia.

Néelson Rodrigues, no entanto, é um caso especial. Ele não era elitista. Também não foi um ‘cientista social’, embora seu trabalho seja devastador enquanto crítica de costumes. Tão pouco pode ele ser oculto pelo preconceito das esquerdas, uma vez que seus textos não apenas revolucionaram e popularizaram o teatro nacional como também ajudaram a construir a comunicação de massas no Brasil, tanto no cinema como na TV.

Autor da primeira telenovela brasileira, *A morta sem espelho* (1963)¹, sua obra segue

¹ Escrita pessoalmente por Nelson Rodrigues (e não adaptada de sua obra), a telenovela, com direção de Fernando Torres e Sérgio Britto na extinta TV Rio, música-tema de Baden Powell e Vinicius de Moraes,

sendo adaptada até hoje com grande audiência². Além disso, também era conhecido do grande público por ser por ser um cronista esportivo atuante e inteligente. Sua obra é marcada pelo erotismo rasgado, pela violência em todas as suas dimensões, pelo cinismo moral que desmascara a hipocrisia – todos sabem, mesmo os que não conhecem seu trabalho. Nélson Rodrigues, no entanto, se tornou muito conhecido pelas suas frases polêmicas e sintéticas, dizendo coisas deliciosamente revoltantes como "Toda mulher gosta de apanhar" ou "Mineiro só é solidário no câncer" – que atribuía ao seu amigo Otto Lara Resende. Ele se divertia em escandalizar tanto gregos como troianos, tendo inclusive chamado sua dramaturgia de 'teatro do desagradável'. Há, em seu texto, de dizer a verdade que repousa sob a representação da realidade através de uma meta-representação que nos revele o desejo.

Caco Coelho³ (incorporando a classificação de Sábato Magaldi⁴ e a biografia de Ray de Castro⁵) estabelece cinco fases de evolução do trabalho intelectual de Nélson Rodrigues, cada um com características estéticas próprias: a) repórter e crítico (1927-35); b) crítico e repórter lírico, *Globo Juve-*

teve problemas com a censura e foi proibida, antes de terminada.

² Telenovelas baseadas em Nélson Rodrigues: *Sonho de amor* (TV Rio/1964); *O desconhecido* (TV Rio/1964); *O homem proibido* (TV Globo/1982); *Meu Destino É Pecar* (TV Globo/1984); *Engraçadinha* (TV Globo/1995); e *A Vida Como Ela É* (TV Globo/1996).

³ *Coleção Baú* de Nelson Rodrigues, (Companhia das Letras, 2004).

⁴ *Teatro Completo* de Nelson Rodrigues, quatro volumes (Nova Fronteira, 1981).

⁵ *O anjo pornográfico: a vida* de Nelson Rodrigues (Companhia das Letras, 1992).

nil e de peças psicológicas (1936-43); c) fase mítica (1944-52); d) fase da tragédia carioca (1953-66); e e) fase memorialista (1967-80). Curiosamente, todas as cinco fases estéticas na evolução do trabalho de Nelson Rodrigues correspondem a mudanças na sua vida profissional como jornalista.

A primeira etapa é a do repórter e crítico, vivida nas redações dos jornais de seu pai, *A Manhã e Crítica*. Nélson começou a escrever aos quinze anos, quando *A Manhã* ganhou uma nova sede, em fins de 1927. Daí até o início de 1935, sua atividade principal foi o jornalismo policial, ao lado da crítica de arte, na maioria das vezes literária. Em 1935 passa a trabalhar no jornal do seu amigo Roberto Marinho, *O Globo*.

Na fase seguinte, até 1946, Nélson permanece no *Globo* como crítico de ópera da seção "O Globo na arte lírica" e também trabalhou no *Globo Juvenil*. Como repórter lírico, Nélson assistiu e escreveu sobre cerca de 300 óperas em diversas temporadas do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Em 1941, ele escreveu sua primeira peça, *A mulher sem pecado*, que entrou em cartaz no ano seguinte, sem grande sucesso. *Vestido de noiva* surgiu em 1943; com o sucesso da peça, Nélson saiu do *Globo* e foi para os *Diários Associados*, de propriedade de seu antigo desafeto político Assis Chateaubriand.

Começa a terceira fase do escritor, chamada de 'Mítica' por Sábato Magaldi, que se estende até o nascimento das tragédias cariocas, em 1953, a quarta fase. É o período de maior produção de Nélson. Durante nove anos, além das contribuições para diversos veículos dos *Diários Associados*, ele escreve seis romances e cinco peças.

Novamente uma mudança de jornal determina uma transformação estética. Nélson é contratado como colunista do jornal *Última Hora*, que Samuel Wainer "ganhou" de Getúlio Vargas. Surge *A vida como ela é...* E em 1953, com a peça *A falecida* e o romance *A mentira*, Nélson entra na quarta fase, a das tragédias cariocas. Nessa etapa, que vai até 1967, ele escreve oito peças e três romances. Também são desse período as primeiras crônicas esportivas no *Jornal dos Sports* e na revista *Manchete Esportiva*.

Aos 54 anos de idade, outra mudança de jornal acompanha a quinta e última fase do autor: Nélson é convidado para escrever suas memórias no jornal *Correio da Manhã* – de onde surgiram vários livros de memória e de crônicas esportivas. Esse período, que começa em 1967, vai até morte de Nélson, por insuficiência cardiorrespiratória, em dezembro de 1980. Essa fase é importante porque nela Nélson repensa sua obra; porque ele vê novos diretores de cinema repensando seu trabalho (Neville D'Almeida, J. B. Tanko, Arnaldo Jabor – para citar os principais); porque se formula um entendimento amplo do significado de sua obra para cultura brasileira e para o teatro do ponto de vista internacional. Nélson Rodrigues é bem superior aos principais autores teatrais de sua época (Eugene O'Neill, Tennessee Williams, Arthur Miller e Edward Albee) e um marco nas artes dramáticas a nível mundial.

Ao todo, Nélson Rodrigues escreveu 17 peças teatrais⁶; 27 livros (9 romances⁷, 5 livros de contos⁸ e 13 livros de Crônicas⁹); 23 filmes¹⁰ foram feitos baseados em seus

⁶ Sua edição completa abrange quatro volumes, divididos segundo critérios do crítico Sábato Magaldi, que agrupou as obras de acordo com suas características, dividindo-as em três grupos: Peças psicológicas: *A mulher sem pecado* (1941), *Vestido de noiva* (1943), *Valsa nº 6* (1951), *Viúva, porém honesta* (1957), e *Anti-Nélson Rodrigues* (1974); Peças míticas: *Álbum de família* (1946), *Anjo negro* (1947), *Senhora dos Afogados* (1947), e *Dorotéia* (1949); e *Tragédias cariocas*: *A falecida* (1953), *Perdoa-me por me traíres* (1957), *Os sete gatinhos* (1958), *Boca de ouro* (1959), *O beijo no asfalto* (1960), *Bonitinha, mas ordinária ou Otto Lara Rezende* (1962), *Toda Nudez Será Castigada* (1965), e *A serpente* (1978).

⁷ *Meu destino é pecar* (1944); *Escravas do amor* (1944); *Minha vida* (1944); *Núpcias de fogo* (1948); *A mulher que amou demais* (1949); *O homem proibido* (1959); *A mentira* (1953); *Asfalto selvagem ou engraçadinha* (1959); e *O casamento* (1966).

⁸ *Cem contos escolhidos – A vida como ela é...* (1972); *Elas gostam de apanhar* (1974); *A vida como ela é – O homem fiel e outros contos* (1992); *A dama do loteação e outros contos e crônicas* (1992); *A coroa de orquídeas* (1992).

⁹ *Memórias de Nélson Rodrigues* (1967); *O óbvio ululante: primeiras confissões* (1968); *A cabra vadia* (1970); *O reacionário: memórias e confissões* (1977); *Fla-Flu...e as multidões despertaram* (1987); *O remador de Ben-Hur* (1992); *A cabra vadia - Novas confissões* (1992); *A pátria sem chuteiras – Novas Crônicas de Futebol* (1992); *A menina sem estrela – memórias* (1992); *À sombra das chuteiras imortais – Crônicas de Futebol* (1992); *A mulher do próximo* (1992); *Nélson Rodrigues, o Profeta Tricolor* (2002); e *O Berro impresso nas Manchetes* (2007).

¹⁰ *Meu destino é pecar* (1952); *Boca de Ouro* (1962); *Bonitinha, mas ordinária* (1963); *Asfalto Selvagem* (1964); *A Falecida* (1965); *O Beijo* (1966); *Engraçadinha depois dos trinta* (1966); *Toda nudez será castigada* (1973); *O Casamento* (1975); *A Dama do Loteação* (1978); *Bonitinha, mas ordinária ou Otto Lara Resende* (1980); *Os Sete gatinhos* (1980); *O Beijo no asfalto* (1980); *Álbum de Família* (1981); *Engraçadinha* (1981); *A Serpente* (1980-82); *Perdoa-*

textos até o momento; mas apenas *Beijo no Asfalto*¹¹ foi adaptado e publicado em Histórias em Quadrinhos até hoje, embora existam vários trabalhos inéditos.

A primeira adaptação de um texto de Nelson Rodrigues para o cinema – *Meu Destino é pecar* (1952) – não foi feliz. O ponto alto do filme – a fotografia de Mário Pagés, em P&B, dando um caráter expressionista e gótico ao trabalho – contrastava com atitude naturalista do diretor e roteirista Manuel Pelufo, que simplificou bastante o texto – reduzindo o cipoal de desejos, traições e mal-entendidos do original e inserindo um final feliz na trama.

Em compensação, a segunda adaptação – *Boca de Ouro* (1962), de Nelson Pereira dos Santos, com Jece Valadão e Odete Lara, em atuações memoráveis – foi um grande sucesso de público e crítica, desencadeando a primeira fase de adaptações das peças rodriguianas para o cinema. O enredo – influenciado pelo jornalismo policial dos anos 50 – fala do jogo do bicho no Rio de Janeiro e do relacionamento da elite carioca com a criminalidade. A estrutura do filme é influenciada pelo *Rashomon* de Kurosawa, em que um personagem conta a mesma história de maneira diferente, de acordo com as suas circunstâncias emocionais. Um casamento perfeito entre um cineasta de esquerda com um autor de direita.

Quase trinta anos depois, o produtor Joffre Rodrigues, filho de Nelson, resolveu refilmar *Boca de Ouro*, em cores, transplantando o ambiente da contravenção do jogo do

me por me traíres (1983); *Boca de Ouro II* (1990); *Traição* (1998); *Gêmeas* (1999); *Véu de Noiva* (2006); e *Bonitinha mas ordinária* (2010).

¹¹ Arnaldo Branco (roteiro) e Gabriel Góes (arte). NOVA FRONTEIRA, 2007.

bicho nos anos 50 para o da criminalidade e do tráfico de drogas dos anos 80. A direção coube a Walter Avancini, diretor de telenovelas e minisséries, mas sem experiência com a linguagem do cinema. Talvez por isso, esse segundo *Boca de Ouro* (1990) seja raso e artificial, com os diálogos superficiais e desconectados da realidade dos personagens, sendo bem inferior ao primeiro filme¹².

O segundo sucesso desta primeira geração de adaptações para o cinema, ainda em P&B – *Bonitinha, mas ordinária* (1963), de J. P. de Carvalho, novamente com a dupla Jesse Valadão e Odete Lara – também mereceu duas refilmagens: *Bonitinha, mas Ordinária ou Otto Lara Resende* (1980), de Braz Chediak, colorido, com Lucélia Santos e Vera Fiches; e *Bonitinha, mas Ordinária* (2010), de Moacyr Goés. A adaptação de Braz Chediak tem grandes méritos e deméritos em relação as versões anterior e posterior. Ela também trabalha com a estratégia de *Rashomon*, utilizada no primeiro *Boca de Ouro*, tentando discutir a ideia de verdade e suas diferentes interpretações de formação cultural contraposta a sucessivos flashbacks que vão acrescentando detalhes a narrativa para compreensão do que realmente aconteceu. As outras versões apresentam um roteiro mais linear, mais interessante e mais próximo da peça de teatro original.

Outro texto rodriguiano que mereceu versões das diferentes gerações de diretores do cinema brasileiro foi o romance *Asfalto Selvagem*. Inicialmente houve o filme *Asfalto Selvagem – Engraçadinha dos 12 aos 18 anos* (1964), em P&B, sobre a primeira parte do folhetim; e, em seguida com *En-*

¹² Com exceção da famosa cena do 'concurso dos peitinhos'.

graçadinha depois dos trinta (1966), também em P&B – ambos de J. B. Tanko. Em 1981, Haroldo Marinho Barbosa faz *Engraçadinha*, uma releitura melodramática do romance todo, enfatizando seu aspecto trágico. E, finalmente, em 1995-96, a TV Globo realizou a minissérie *Engraçadinha, seus amores e seus pecados*, com direção de Denise Saraceni e supervisão de Carlos Manga.

Na primeira geração de adaptações do cinema da obra rodriguiana, em P&B, constam ainda quatro filmes: *A Falecida* e *O Beijo*.

A Falecida (1965) de Leon Hirszman, com Fernando Montenegro no papel principal e roteiro de Eduardo Coutinho, lembra o primeiro Boca de Ouro em vários aspectos. Trata-se de um 'cineasta de esquerda' com 'um texto de direita', trata-se do Cinema Novo, feito sobre o povo mas não para o povo, há um certo pudor, tentando retirar a brutalidade do texto original e manter apenas seu aspecto trágico. É um filme de imagens belas e grandes silêncios, e, apesar de modificar a estória e o estilo narrativo, permanece fiel à intenção original do autor.

Já *O Beijo* (1966), filme expressionista de Flávio Tambellini foi publicamente condenado pelo próprio Nélson Rodrigues, chamando Tambellini de "Kafka do Circo Democrata". É que, além de modificar a estória e descontextualizar a narrativa do cenário carioca suburbano, o diretor também optou um universalismo sombrio, distante tanto do pornográfico popular como da estética realista do cinema novo.

A segunda geração de adaptações rodriguianas começa com *Toda nudez será Castigada* (1973) de Arnaldo Jabor. Não somente por ser colorido, mas sobretudo pela

fidelidade ao texto e à intenção original do autor. Jabor quer fazer um filme popular (sobre e para o povão) e 'tropicalista' (incorporando vários gêneros narrativos) e não mais o realista vanguardista do cinema novo. Aliás, para muitos esse filme é a mais brilhante tradução de Nélson Rodrigues e um marco importante para o cinema nacional, com destaque para atuação de Darlene Glória como Geni. Arnaldo Jabor soube como ninguém valorizar os múltiplos sentidos dos diálogos aparentemente coloquiais de Nélson Rodrigues: interrupções, suspiros, frases inacabadas, a um milímetro da comédia e do dramalhão. Em 1975, *O Casamento* dá continuidade a esse feliz encontro estético entre Jabor e Rodrigues, desta vez tendo o tango moderno de Astor Piazzolla como trilha sonora.

No contraponto das adaptações inteligentes e tropicalistas de Arnaldo Jabor estão os filmes escrachados e semi-pornográficos de Neville D'Almeida: *A Dama da Lotação* (1978) e *Os Sete Gatinhos* (1980).

A Dama da Lotação foi um grande sucesso de bilheteria do cinema nacional, impulsionado pela presença da atriz Sônia Braga, nacionalmente conhecida do grande público devido a sua participação na telenovela *Gabriela, cravo e canela*, inspirada em livro de Jorge Amado. Aliás, *A Dama* é um filme meio baiano: o conjunto *A Cor do Som* desconstrói uma música de Caetano Veloso, com um arranjo/andamento para cada cena; e o próprio enredo do filme, com várias cenas de sexo explícito gratuitas, foge bastante do padrão de Nélson Rodrigues e lembra as do livro do escritor de Ilhéus. Solange, virgem tímida e depois esposa frígida, se transforma em uma mulher insaciável, que devora des-

conhecidos pelas ruas do Rio de Janeiro. Solange retorna ao casamento não como uma prostituta arrependida, como gostaria a sociedade patriarcal, mas como uma mulher razoavelmente liberada e conciliada com o seu desejo. É um filme 'feminista', em que até mesmo a dissimulação feminina, se justifica diante da situação da personagem. O roteiro do filme não foi baseado nem em peças teatrais nem em romances, mas em uma crônica da coluna de jornalismo *A vida como ela é...* e teve colaboração do próprio Néelson na construção dos diálogos.

Com *Os Sete Gatinhos*, Neville continua sua interpretação escrachada das situações dramáticas, sendo que agora seguindo a risca o texto teatral rodriguiano e expondo o que parece ser o essencial: as paixões irredutíveis da carne contra os códigos de conduta social e familiar. Essa característica – o paradoxal por detrás do burlesco – dá uma tonalidade tragicômica à forma aparentemente deslegante da narrativa.

Outro trabalho importante deste segundo ciclo de adaptações de Néelson Rodrigues para o cinema é a obra de Braz Chediak. Além da segunda versão *Bonitinha, mas Ordinária* ou *Otto Lara Rezende* (1980) e de adaptações importantes de outros autores teatrais inspirados pela obra rodriguiana¹³, Chediak filmou: *Álbum de Família* (1981) e *Perdoa-me por me traíres* (1983).

Perdoa-me por me traíres (1983) é outro texto 'feminista' de Néelson, uma vez que defende a liberdade do prazer feminino acima das convenções sociais, porém desta há o atormentado universo de dilemas morais,

¹³ Chediak fez adaptações importantes de Plínio Marcos: as primeiras versões cinematográficas de *Navalha na carne* e de *Dois perdidos numa noite suja*.

mortes, loucura e traições de costume. Produzido pelos filhos de Nelson Rodrigues, o filme conta com direção musical de Radamés e Roberto Gnattali, uma bela canção interpretada por Gal Costa e Vera Fischer e Lídia Brondi nos papéis principais.

Há ainda dois filmes neste segundo ciclo de adaptações da obra rodriguiana: *O Beijo no Asfalto* (1980), de Bruno Barreto e *A Serpente* (1980-82), de Alberto Magno.

A Serpente, adaptada de uma peça do tipo 'psicológica' (e não da tragédia carioca como a maioria das outras adaptações), lembra os filmes de Ingmar Bergman: simbólicos, herméticos, prolixos, apresentando as situações narradas como padrões arquetípicos que se repetem. Todos os efeitos de distanciamento são usados: interpretação teatralizante, forte antinaturalismo do espaço cenográfico, utilização de objetos de cena como comentário de ações, etc. Jece Valadão, ator-símbolo do 'macho' rodriguiano, rodeado de mulheres, é o epicentro da narrativa. É um filme denso e cansativo. Já em *O Beijo no Asfalto* é um filme de ação, em que temos o cruzamento do universo familiar típico da 'tragédia carioca' com o universo jornalístico e seus dilemas éticos. Há um tratamento naturalista, sem maiores elaborações visuais, os diálogos são adaptados pelo próprio Néelson Rodrigues.

O terceiro e último ciclo de adaptações para o cinema ainda está em curso e é composto (até agora) por quatro filmes – *Traição* (1998), *Gêmeas* (1999), *Vestido de Noiva* (2006), a terceira versão de *Bonitinha, mas ordinária* (2010) – pela minissérie *A Vida como ela é* (1996) – talvez o melhor trabalho de adaptação de Néelson Rodrigues até hoje, capaz de dar uma visão de conjunto e de detalhe de sua forma pensar, dirigido por

Daniel Filho e Denise Saraceni e produzido pela TV Globo. A minissérie – com o curioso formato de 39 esquetes de oito minutos – é quem desencadeia esse terceiro ciclo de adaptações cinematográficas consorciadas com a TV. Nela, emergem as obsessões rodriguianas: o marido infiel, a cunhada provocante, o corno de subúrbio, a esposa obsessiva, o velho tarado, a mãe dominadora, a mulher que gosta de apanhar, o garoto mimado, o jornalista *voyeur*.

Por outro lado, nessa adaptação as perversões e o moralismo perdem a força, tornam-se 'folclóricos'.

A primeira geração de adaptações de Nélson Rodrigues para o cinema foi anterior ao movimento internacional da contracultura e à liberação dos costumes. Nos tempos de repressão sexual patriarcalista, as leituras dos textos de Nélson tinham um caráter revolucionário, atacando a hipocrisia da sociedade diante do sexo. Nos anos 70, no entanto, a leitura do texto rodriguiano foi liberada de seu papel de crítica social, se tornando mais popular e se aproximando da pornochanchada, que então, em plena ditadura militar, estava no auge de seu sucesso comercial. A terceira geração enfatiza a inteligência e a profundidade psicológica dos diálogos.

Hoje, no entanto, quando se fala de Nélson Rodrigues, todos logo o associam às narrativas eróticas e dramáticas ou à psicanálise pornográfica da classe média carioca. Mas, certamente, ele é muito mais do que isso. Suas histórias, mais que simples narrativas cínicas do erotismo patriarcal decadente, valorizam o amor obsessivo pela verdade, a intenção do narrador de enunciar uma narrativa ficcional que dê conta do real vivido, que revele os motivos últimos e explique as intenções ocultas de cada um. É

mais fácil observar esse lado mais filosófico em duas peças teatrais mais antigas, quando ele era menos 'popular': *Vestido de Noiva* (1943) e *Álbum de Família* (1946).

Apesar das peças escritas por Oswald de Andrade, há um consenso entre os críticos de que o teatro moderno no Brasil começa em 1943, com a peça *Vestido de Noiva*, de Nélson Rodrigues, dirigida por Zbigniew Ziembinski. Nela, a narrativa acontece simultaneamente em três planos de tempo/espaço – memória, realidade e alucinação – nos quais as cenas se sucedem. Os planos postos lado a lado eram definidos através de diferentes efeitos de iluminação. A narrativa, assim, era descontínua e fragmentada. Além disso, a protagonista – Alaíde – se confunde várias vezes com o narrador da história. A narrativa é subjetiva, não apenas porque é ora memória, ora alucinação; mas, principalmente, porque guia o público no sentido de organizar o quebra-cabeça dos acontecimentos. A peça tinha diálogos populares e recursos de sonoplastia, como o uso de microfones para expressar os pensamentos dos personagens (em oposição, a voz não amplificada expressando a fala) ou o uso de música ou de gravações (como as notícias da guerra no rádio ou de sons como telefones tocando ou de ambulâncias). Tudo isso foi novidade em 1943. Era como se a linguagem cinematográfica entrasse na cena teatral, reinventando a linguagem dramática – o que garantiu um sucesso consensual inédito de público e crítica. Porém, essa mesma leitura teatral da linguagem cinematográfica – a narrativa descontínua e o narrador subjetivo – é principal entrave para adaptação da peça para a linguagem áudio visual, uma vez que essas primam pela continuidade e pela narrativa a partir do público e não do protago-

nista. Por exemplo: a “mulher de véu”. Na narrativa dramática original, Alaíde não conseguia se lembrar claramente de sua irmã Lúcia, que aparecia no plano da memória e da alucinação coberta por um véu. Apesar de o artifício teatral ser comparado à ideia de ‘censura freudiana’ – associação que Néelson certamente reprovava – ao ser transposto para as linguagens visuais, a ‘mulher de véu’ se transforma em uma alegoria sem sentido, perdendo o seu efeito de ‘suspense’ dramático. Nas narrativas visuais, só há suspense se houver um segredo for comum ao protagonista e ao público. Uma narrativa em que o público já sabe do segredo antes dos personagens é sempre mais complexa e de difícil entendimento. É o contrário do acontecimento em *Álbum de Família*, em que o elemento surpresa foi eliminado na adaptação para cinema.

Como texto teatral, *Álbum de família* (1946) foi a terceira peça de Néelson, escrita após o sucesso de *Vestido de Noiva* (1943), tendo sido censurada por 19 anos. A peça marca o início da fase mítica que antecede a fase das ‘tragédias cariocas’. Há influência do dramaturgo americano Eugene O’Neill e o confronto com a psicanálise freudiana.

Sábato Magaldi aponta a peça *Álbum de Família* como um texto chave, transição da fase psicológica para a fase mítica:

A evolução dramática de Nelson levava inevitavelmente a esse mergulho na inconsciência primitiva do homem. *A mulher sem pecado* já estava carregada de motivos psicológicos, prestes a romper as barreiras da censura interior. *Vestido de Noiva* rasgou o véu da consciência, para dar livre curso às

fantasias do subconsciente. Na exploração das verdades profundas do indivíduo, o passo seguinte se dirigiria para o estabelecimento dos arquétipos, dos mitos que se encontram na origem das nossas forças “vitais”. A menos que traísse sua vocação autêntica, Nelson teria mesmo que escrever *Álbum de Família. Teatro Completo*, introdução do vol. 2, peças míticas, p. 14.

Como esse texto é a mais incestuosa das peças míticas, a partir do qual Néelson será considerado abominável e seu teatro, desagradável, é possível também dizer que ele representa uma antecipação da fase das tragédias cariocas em vários aspectos. *Álbum de Família* é um texto central da produção rodrigueana, que combina elementos de várias fases. E é onde Néelson mais se aproxima e mais se distancia de Freud. Os personagens são arquétipos familiares: o pai dominador, a mãe sedutora, os filhos tarados, a cunhada careta, a tia solteirona, etc.

O tema é o incesto. Entre a filha e o pai, entre os filhos e a mãe. Um dos filhos, Nonô, que concretizou o ato, enlouqueceu, fugiu e vive rondando ameaçadoramente a casa dos pais. Nunca aparece em cena, só escutamos seus gritos; e essa ausência é uma das forças dramáticas da peça. No final, quando a família desmorona, é com ele que a mãe vai se reunir, num inusitado *happy end* entre Édipo e Jocasta. Há uma ‘solução matriarcal’ para o complexo de Édipo freudiano!

Na adaptação de Braz Chediak, Nonô foi materializado, destruindo assim o eixo principal da narrativa no texto teatral: o perigo invisível que ronda a família. Presente, Nonô

é bem menos ameaçador. Esse equívoco já se repetira em outra adaptação do mesmo grupo: o filme *Bonitinha, mas ordinária* abre com a curra da protagonista, situação que na peça é apenas mencionada, e só no meio da trama. Novamente, temos a questão do suspense e da mudança de linguagem.

Conclusão

Voltamos, então, ao nosso ponto de partida. Hoje, já conseguimos distanciamento para distinguir com a lente da história, as semelhanças entre Nélon Rodrigues e os trabalhos de Câmara Cascudo e Gilberto Freire. Com Freire a proximidade é mais evidente e já rendeu até estudos¹⁴ sobre a admiração e a influência mútua. Com Cascudo, no entanto, a semelhança é menos visível e mais profunda: o uso das narrativas como explicação do real.

O importante é que se perceba a grande inovação em termos de linguagem dramática instituída por Nélon Rodrigues em diferentes mídias e que sua grande contribuição à arte de contar histórias é que somos seres complexos, ambíguos, paradoxais e que os personagens de nossas histórias também deviam ser – para nós retratar melhor. Falamos uma coisa e fazemos outra. É preciso reconhecer. Escondemos nossos desejos mais profundos, nós apaixonamos pelo que mais tememos e odiamos.

¹⁴ GUSMÃO, Henrique Buarque de. Nélon Rodrigues leitor de Gilberto Freyre: aproximações entre Casa-Grande & Senzala, Sobrados & Mucambos e a dramaturgia de Nélon Rodrigues. IV Reunião Científica de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas, Belo Horizonte, 2007.

Com que direito queremos personagens coerentes em nossas histórias?

Nelson Rodrigues – Filmografia Completa por ordem Cronológica

MEU DESTINO É PECAR – SÃO PAULO, 1952, P&B, 35 MM, 72 MIN. DIRETOR: Manuel Pelufo; **PRODUTORA:** Companhia Cinematográfica Maristela; **PRODUÇÃO:** Mário Civelli; **DIÁLOGOS:** Carlos Ortiz; **ADAPTAÇÃO:** Manuel Pelufo (baseada no romance homônimo de Nelson Rodrigues); **FOTOGRAFIA:** Mário Pagés; **MONTAGEM:** José Cañizares; **CENOGRAFIA:** Luciano Gregory, Franco Ceni e Francisco Balduino; **MÚSICA:** Henrique Simonetti; **ELENCO:** Antonieta Morineau, Alexandre Carlos, Zilah Maria, Rubens de Queiroz, Maria de Lourdes Lebert, Great George, Nair Pimentel, Ilza Menezes, Iracema, Diana Lepore, José Penteado, Adolfo Leicys, Artur Carvalhal, Ayres Campos, Raul Breda, João Pinto de Oliveira.

BOCA DE OURO – RIO DE JANEIRO, 1962, P&B, 35 MM., 101 MIN. DIRETOR: Nelson Pereira dos Santos; **PRODUTORA:** Copacabana Filmes; **PRODUÇÃO:** Jarbas Barbosa e Gilberto Perrone; **ROTEIRO E ADAPTAÇÃO:** Nelson Pereira dos Santos (baseado na peça homônima de Nelson Rodrigues); **ELENCO:** Jece Valadão, Odete Lara, Daniel Filho, Maria Lúcia Monteiro, Ivan Cândido, Adriano Lisboa, Geórgia Quental, Maria Pompeu, Sulamith Yaari, Rodolfo Arena, Wilson Grey,

Pérola Negra, Hildemar Barbosa, Ricardo Lima, Paulo Copacabana, Francisco Santos

BONITINHA MAS ORDINÁRIA – RIO DE JANEIRO, 1963, P&B, 35 MM., 100 MIN. DIRETOR: J. P. de Carvalho; PRODUTORA: Magnus Filmes; PRODUÇÃO: Jece Valadão e Joffre Rodrigues; ARGUMENTO E ROTEIRO: Jece Valadão; FOTOGRAFIA: Amleto Daissé; MONTAGEM: Rafael Justo Valverde e Lúcia Erita; MÚSICA: Carlos Lyra; ELENCO: Jece Valadão, Odete Lara, Ambrósio Fregolente, Angela Bonatti, Ribeiro Fortes, Ida Gomes, Sandra Menezes, Maria Gladys, Roberto Batalin.

ASFALTO SELVAGEM – RIO DE JANEIRO, 1964, P&B, 35 MM., 99 MIN. DIRETOR: J. B. Tanko; PRODUTORA: P. C. Herbert Richers e J. B. Tanko Filmes; PRODUÇÃO: J. B. Tanko, Alexandre Horvat e Adalberto Vieira; ROTEIRO: J. B. Tanko (baseado em romance homônimo de Nelson Rodrigues); FOTOGRAFIA: Tony Rabatoni; MONTAGEM: Rafael Justo Valverde; MÚSICA: João Negrão; ELENCO: Vera Viana, Jece Valadão, Maria Helena Dias, Ambrósio Fregolente, Nestor Montemar, Milton Carneiro, Roberto Duval, Lícia Magno, Tina Gonçalves.

A FALECIDA – RIO DE JANEIRO, 1965, P&B, 35 MM., 85 MIN. DIRETOR: Leon Hirszman; PRODUTORA: P. C. Meta; PRODUÇÃO: Joffre Rodrigues e Aluisio Leite Garcia; ROTEIRO E ADAPTAÇÃO: Eduardo Coutinho

e Leon Hirszman (baseado em peça homônima de Nelson Rodrigues); FOTOGRAFIA: José Medeiros; CÂMERA: Dib Lutfi; ELENCO: Fernanda Montenegro, Ivan Cândido, Nelson Xavier, Paulo Gracindo, Dinorah Brillante, Joel Barcellos, Virginia Valli.

O BEIJO – RIO DE JANEIRO, 1966, P&B, 35 MM., 78 MIN. DIRETOR: Flávio Tambellini; PRODUTORA: Serrador Companhia Cinematográfica e Flávio Tambellini P. C.; PRODUÇÃO: Flávio Tambellini; DISTRIBUIDORA: Columbia Pictures; ROTEIRO: Flávio Tambellini, Glauro Couto e Geraldo Gabriel (baseado na peça *Beijo no asfalto*, de Nelson Rodrigues); DIÁLOGOS: Nelson Rodrigues; COREOGRAFIA: Jerry Marezky; FOTOGRAFIA: Tony Rabatoni, Amleto Daissé e Alberto Attili; MONTAGEM: Lupe e Luiz Elias; CENOGRAFIA: João Maria dos Santos; MÚSICA: Moacir Santos; ELENCO: Reginaldo Farias, Ambrósio Fregolente, Jorge Dória, Norma Blum, Nelly Martins, Xandó Batista, Elieser Gomes, Elizabeth Gasper, Glauce Rocha, Jorge Cherques, Miriam Persia, Raul da Mata, Betty Faria, Giorgia Quental, Liana Duval, Paulo Max, Miguel O. Schneider, Marilena de Carvalho.

ENGRAÇADINHA DEPOIS DOS TRINTA – RIO DE JANEIRO, 1966, P&B, 35 MM., 95 MIN. DIRETOR: J. B. Tanko; PRODUTORA: Cinematográfica Herbert Richers e J. B. Tanko Filmes; PRODUÇÃO: Nel-

son Rodrigues e Herbert Richers; ROTEIRO: J. B. Tanko (baseado em argumento de Nelson Rodrigues); DIÁLOGOS: Nelson Rodrigues; FOTOGRAFIA: José Rosa; MONTAGEM: Rafael Justo Valverde; MÚSICA: Roberto Nascimento; ELENCO: Irma Alvarez, Fernando Torres, Vera Viana, Nestor Montemar, Mário Petraglia, Carlos E. Dolabella, Cícero Costa, Cláudio Cavalcanti.

TODA NUDEZ SERÁ CASTIGADA – RIO DE JANEIRO, 1973, COR, 35 MM., 107 MIN. DIRETOR: Arnaldo Jabor; PRODUTORA: P. C. R. F. Farias, Ventania P. C.; PRODUÇÃO: Paulo Porto; ROTEIRO: Arnaldo Jabor (baseado em peça homônima de Nelson Rodrigues); FOTOGRAFIA E CÂMERA: Lauro Escorel; DIREÇÃO DE ARTE: Régis Monteiro; MONTAGEM: Rafael Justo Valverde; DIREÇÃO MUSICAL: Paulo Santos; MÚSICAS: Astor Piazzola; Roberto e Erasmo Carlos; Carl Orff; George M. Cohan e Al Jolson; Quincy Jones; ELENCO: Darlene Glória, Paulo Porto, Paulo César Pereio, Paulo Sacks, Isabel Ribeiro, Hugo Carvana, Elza Gomes, Henriqueta Briebe, Sérgio Mamberti, Abel Pêra.

O CASAMENTO – RIO DE JANEIRO, 1975, COR, 35 MM., 96 MIN. DIRETOR: Arnaldo Jabor; PRODUTORA: Ventania P. C., P. C. R. F. Farias; PRODUÇÃO EXECUTIVA: Paulo Porto; FOTOGRAFIA: Dib Lufti; MONTAGEM: Rafael Justo Valverde; ELENCO: Adriana Prieto, Paulo Porto,

Camila Amado, Nelson Dantas, Mara Rúbia Carlos Kroeber, Érico Vidal, André Valli, Ambrósio Fregolente, Cidinha Milan, Abel Pêra.

A DAMA DO LOTAÇÃO – RIO DE JANEIRO, 1978, COR, 35 MM., 105 MIN. DIRETOR: Neville D’Almeida; PRODUTORA: Regina Filmes, Embrafilme; PRODUÇÃO: Nelson Pereira dos Santos; ADAPTAÇÃO: Neville D’Almeida (baseada em conto homônimo de Nelson Rodrigues); DIÁLOGOS: Nelson Rodrigues; FOTOGRAFIA: Edson Santos; MONTAGEM: Raimundo Higino; ELENCO: Sônia Braga, Nuno Leal Maia, Jorge Dória, Paulo César Pereio, Márcia Rodrigues, Iara Amaral, Cláudio Marzo, Roberto Bonfim, Paulo Villaça.

BONITINHA, MAS ORDINÁRIA OU OTTO LARA RESENDE – RIO DE JANEIRO, 1980, COR, 35 MM., 105 MIN. DIRETOR: Braz Chediak; PRODUTORA: Sincrocine; PRODUÇÃO: Pedro Carlos Rovai; ROTEIRO: Gilvan Pereira, Sindoval Aguiar, Jorge Lacleite e Doc Comparato (baseado em peça homônima de Nelson Rodrigues); DIÁLOGOS: Nelson Rodrigues; FOTOGRAFIA: Hélio Silva; MONTAGEM: Rafael Justo Valverde; MÚSICA: John Neschling; ELENCO: Lucélia Santos, José Wilker, Vera Fischer, Carlos Kroeber, Milton Moraes, Sônia Oiticica, Xuxa Lopes, Wilson Grey.

OS SETE GATINHOS – RIO DE JANEIRO, 1980, COR, 35 MM., 109 MIN. DIRETOR: Neville D’Almeida;

PRODUTORA: Cineville, Embrafilme e Terra Filmes; PRODUÇÃO: Scarlett Moon de Chevalier; ROTEIRO: Gilberto Loureiro e Neville D'Almeida; FOTOGRAFIA: Edson Santos; MONTAGEM: Marco Antonio Cury; MÚSICA: Lulu Santos, A Cor do Som; ELENCO: Lima Duarte, Cristina Aché, Regina Casé, Thelma Reston, Ary Fontoura, Sura Berditchevsky, Antônio Fagundes.

O BEIJO NO ASFALTO – RIO DE JANEIRO, 1980, COR, 35 MM., 77 MIN. DIRETOR: Bruno Barreto; PRODUTORA: Embrafilme e Filmes do Triângulo; PRODUÇÃO: Luiz Carlos Barreto; ROTEIRO: Doc Comparato (baseado na peça *Beijo no Asfalto* de Nelson Rodrigues); FOTOGRAFIA: Murilo Salles; MONTAGEM: Raymundo Higino; MÚSICA: Guto Graça Mello; DIÁLOGOS: Nelson Rodrigues; ELENCO: Tarcísio Meira, Ney Latorraca, Lídia Brondi, Christiane Torloni, Daniel Filho, Oswaldo Loureiro, Néelson Caruso.

ÁLBUM DE FAMÍLIA – RIO DE JANEIRO, 1981, COR, 35 MM., 99 MIN. DIRETOR: Braz Chediak; PRODUTORA: P. C. Herbert Richers e J. B. Tanko Filmes; PRODUÇÃO: J. B. Tanko, Alexandre Horvat e Adalberto Vieira; ROTEIRO: J. B. Tanko (baseado no romance *Asfalto selvagem*, de Nelson Rodrigues); FOTOGRAFIA: Tony Rabatoni; ELENCO: Lucélia Santos, Rubens Corrêa, Dina Sfat, Vanda Lacerda, Marcos Alvisi, Gustavo José,

Carlos Gregório, Miriam Fischer, Dora Pellegrino, Adriana Figueiredo.

ENGRAÇADINHA – RIO DE JANEIRO, 1981, COR, 35 MM., 100 MIN. DIRETOR: Haroldo Marinho Barbosa; PRODUTORA: Encontro P. C. e Embrafilme; PRODUÇÃO: Paulo Thiago; ROTEIRO: Haroldo Marinho Barbosa; FOTOGRAFIA: Antonio Penido; MONTAGEM: Gilberto Santeiro; MÚSICA: Sérgio Guilherme Saraceni; ELENCO: Lucélia Santos, José Lewgoy, Nina de Pádua, Luiz Fernando Guimarães, Daniel Dantas, Néelson Dantas, Wilson Grey, Carlos Gregório e Cláudio Correa e Castro.

A SERPENTE – RIO DE JANEIRO, 1980-82, COR, 35 MM., 77 MIN. DIRETOR: Alberto Magno; PRODUTORA: Magnus Films; PRODUÇÃO: Alberto Magno; ROTEIRO: Alberto Magno (baseado em peça homônima de Nelson Rodrigues); FOTOGRAFIA: Dib Lutfi; MONTAGEM: Rubens A. Amorim; ELENCO: Jece Valadão, Monique Lafond, Cristina Berio, Marco Nanini, Zezé Motta, Ary Fontoura.

PERDOA-ME POR ME TRAÍRES – RIO DE JANEIRO, 1983, COR, 35 MM., 101 MIN. DIRETOR: Braz Chediak; PRODUTORA: J. N. Filmes; PRODUÇÃO: Joffre Rodrigues e Nelson Rodrigues Filho; ROTEIRO: Gilson Pereira, Nelson Rodrigues Filho, Joffre Rodrigues e Braz Chediak (baseado em peça homônima de Nelson Rodrigues); FOTOGRAFIA: Hélio Silva; MONTAGEM: Rafael Justo Valverde; MÚSICA: Radamés e Roberto Gnattali;

ELENCO: Vera Fischer, Lídia Brondi, Rubens Corrêa, Nuno Leal Maia, Zaira Zambelli, João Dória, Angela Leal, Sadi Cabral.

BOCA DE OURO II – RIO DE JANEIRO, 1990, COR, 35 MM., 108 MIN. DIRETOR: Walter Avancini; **PRODUTORA:** J.N. Filmes; **PRODUÇÃO:** Joffre Rodrigues; **ROTEIRO:** Walter Avancini (baseado em peça homônima de Nelson Rodrigues); **FOTOGRAFIA:** Carlos Egberto, Hélio Silva e Didi Doblutei; **ELENCO:** Tarcísio Meira, Cláudia Raia, Hugo Carvana, Luma de Oliveira, Ricardo Petraglia, Maria Padilha, Osmar Prado, João Signorelli

TRAIÇÃO – RIO DE JANEIRO, 1998, COR, 35 MM., 110 MIN. DIREÇÃO: Arthur Fontes, Cláudio Torres e José Henrique Fonseca; **PRODUTORA:** Conspiração Filmes, Globosat e Ravina Produções e Comunicações; **PRODUÇÃO:** Flávio R. Tambellini, Leonardo Monteiro de Barros e Pedro Buarque de Holanda; **ROTEIRO:** Maurício Zacharias, Fernanda Torres, Cláudio Torres e Patrícia Melo (baseado nos contos "O primeiro pecado", "Diabólica" e "Anemia perniciosa", de Nelson Rodrigues); **FOTOGRAFIA:** Affonso Beato e Breno Silveira; **TRUCAGENS:** The Effects House Corp., John Alagna, Robert Rowohl e Bob Schulze; **MONTAGEM:** João Paulo de Carvalho e Sérgio Mekler; **O PRIMEIRO PECADO ELENCO:** Pedro Cardoso, Fernanda Torres, Tonico Pereira, Fernanda Montenegro; **DIABÓLICA ELENCO:** Daniel Dantas,

Ludmila Dayer, Fernanda Torres, Francisco Cuoco, Jorge Doria, Fernanda Montenegro; **CACHORRO! ELENCO:** Alexandre Borges, Drica Moraes, José Henrique Fonseca

GÊMEAS – RIO DE JANEIRO, 1999, COR, 35 MM., 75 MIN. DIRETOR: Andrucha Waddington; **PRODUTORA:** Conspiração Filmes; **PRODUÇÃO:** Flávio Tambellini, Leonardo M. de Barros, Pedro Buarque de Hollanda; **ROTEIRO:** Elena Soarez (baseado em conto homônimo de Nelson Rodrigues); **FOTOGRAFIA:** Breno Silveira; **MONTAGEM:** Sergio Mekler; **MÚSICA:** Michelle Dibucci; **ELENCO:** Fernanda Torres, Evandro Mesquita, Francisco Cuoco, Matheus Nachtergaele, Fernanda Montenegro.

VESTIDO DE NOIVA – RIO DE JANEIRO, 2006 (Brasil) direção: Joffre Rodrigues. **Estúdio:**JBR Filmes Ltda. **Distribuidora:**Riofilme. **Roteiro:**Joffre Rodrigues, baseado em peça teatral de Nelson Rodrigues. **Produção:**Joffre Rodrigues. **Fotografia:**Nonato Estrela. **Direção de arte:**Alexandre Meyer. **Figurino:**Rita Murinho. **Edição:**Eric Marin **atores:** Marília Pêra , Simone Spoladore , Letícia Sabatela , Marcos Winter , Bete Mendes.

BONITINHA, MAS ORDINÁRIA – 2010, DIREÇÃO: Moacyr Góes; **ESTUDIO:**Diler & Associados. **ROTEIRO:** Moacyr Góes, baseado em peça teatral de Nelson Rodrigues; **PRODUÇÃO:** Diler Trindade; **MÚSICA:** Ary Sperling; **FOTOGRAFIA:** Jacques Cheuiche; **DIREÇÃO DE ARTE:**

Paulo Flaksman; FIGURINO: Bettine Silveira; EDIÇÃO E EFEITOS ESPECIAIS: imagens – 9; ELENCO: João Miguel (Edgar); Leandra Leal (Ritinha); Letícia Colin (Maria Cecília); Gracindo Junior (Werneck); Ângela Leal (D. Berta); André Valli (Porteiro Osíris); Leon Góes (Peixoto); Lígia Cortez (D. Lígia); Giselle Lima (Teresa); Alcemar Vieira (Alfredinho); Alexandre Zachia (Coveiro); e outros.